

# ARQUEOLOGIA

## Vida conjugal desvendável numa inscrição romana

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, ARQUEÓLOGO

Sempre me causou perplexidade aquele singelo rol de nomes, sem explicação plausível. Placa de jazigo de família romana seria, sem dúvida; mas... que relação teria havido entre as pessoas ali citadas?

**A PLACA** Ostentando o número de inventário B-144, está no Museu Regional de Beja Rainha D. Leonor uma placa romana com inscrição. Foi achada em Setembro de 1941 na Herdade da Amendoeira e oferecida por José Baptista Crujo, conforme se lê na p. 45 do livrinho **Museu Regional de Beja**, datado de 1946, da autoria de Abel Viana. É, aí, o nº 54 dos monumentos epigrafados que constituíam, à altura, a coleção do museu.

Tive oportunidade de confirmar que está completa e é de mármore do tipo Estremoz / Vila Viçosa (e não de Trigaches, como o são a maioria dos monumentos romanos de Beja). Mede 48 cm de alto, 93 de largura e apenas 6,5 de espessura. Não tem qualquer molduração e, por esse motivo, não custa a crer que se terá destinado a ser incrustada num edifício. O mais normal, embora – como de seguida se verá – não apresente qualquer das habituais fórmulas funerárias, é que fosse letreiro a colocar no frontispício de um jazigo.

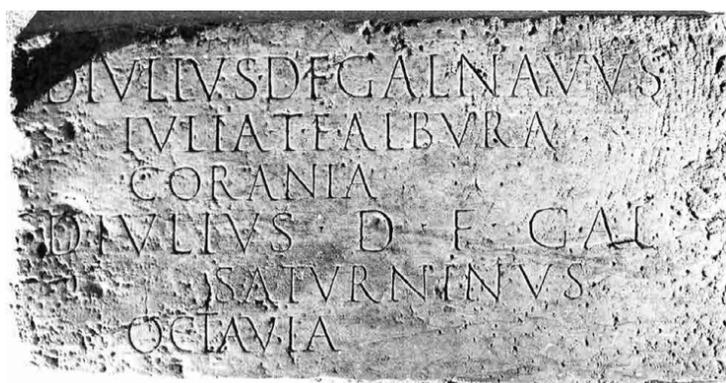
É bem simples esse letreiro. Redigido em latim, diz o seguinte:

Décimo Júlio Navo, filho de Décimo, da tribo Galéria; Júlia Arbura, filha de Tito; Corânia; Décimo Júlio Saturnino, filho de Décimo, da tribo Galéria; Octávia.

**O QUE SE SABE DA HERDADE** Numa das suas bem oportunas “notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo” que, no Arquivo de Beja, foi publicando em meados da década de 50, referiu-se Abel Viana (nº 12, 1955, p. 30) à existência, numa Herdade da Amendoeira da freguesia das Neves, de vestígios arqueológicos que não especificou. Por esse motivo, uma Herdade da Amendoeira da freguesia das Neves figura, com o número 7163, no inventário oficial dos sítios arqueológicos de Portugal e aí se escreve: «Uma inscrição funerária, provavelmente procedente de um jazigo familiar; outros vestígios romanos não especificados». Nada mais. Aliás, o topónimo Herdade das Amendoeiras pertence à União das Freguesias de Santiago Maior e S. João Baptista.

O que se poderá dizer, então?

O que se considera, hoje, como um dado adquirido, ainda que possa estar contaminado com as nossas ideias actuais: na *villa*, ou seja, a casa



Tal não acontece na placa da Herdade da Amendoeira e, por conseguinte, ocorre perguntar: como foi? Que relação familiar – sim, relação familiar terá havido! – se poderá apontar, na medida em que nada se diz e há nomes de senhores e de senhoras?”.

senhorial existente nessa herdade dos arredores da colónia, viveu a família de que a placa nos dá mui singela notícia. Apenas nomes nela vêm referidos, o que pode ter-se por normal, porquanto se tratava de domínio privado e somente importava fazer menção, para os familiares, de quem ali fora sepultado. Mas... será sempre aliciente pensar que um dos defuntos possa ter sido o Décimo Júlio Saturnino, a quem os libertos públicos de Pax Iulia homenagearam com um busto (edição de 22-10-2021). Família importante seria!...

**O QUE ESTA PLACA NÃO DIZ** Estamos habituados a ver no frontispício dos jazigos de família dos nossos cemitérios, lateralmente, uma série de espaços rectangulares destinados a virem a ser aí inscritos os nomes dos entes queridos, à medida que nele forem sendo sepultados e pela ordem estabelecida. Sabe-se também que raramente essa intenção inicial é cumprida e, por isso, raro será o jazigo em que as placas inscritas correspondam aos defuntos nele depositados.

Na actualidade, porém, as datas e os apelidos ajudarão a estabelecer genealogias: o pai, a mãe, o irmão... Tal não acontece na placa da Herdade

da Amendoeira e, por conseguinte, ocorre perguntar: como foi? Que relação familiar – sim, relação familiar terá havido! – se poderá apontar, na medida em que nada se diz e há nomes de senhores e de senhoras?

Há, todavia, um pormenor que não é de somenos e não poderia passar despercebido ao epigrafista: a paginação, ou seja, a posição que cada identificação ocupa no espaço epigrafado. Teve, por isso, o meu prezado amigo Marc Mayer, da Universidade de Barcelona, a seguinte explicação, que partilho inteiramente:

«Em princípio, parece que dois irmãos, ou melhor, o pai e o filho aí estão sepultados com suas respectivas esposas. O primeiro deles casado, em segundas núpcias, com uma Corânia, itálica, e, em primeiras, com uma mulher das suas relações, seguramente uma parente relativamente próxima. O segundo personagem casa-se com uma Octávia, seguramente também itálica».

Na verdade, o segundo nome de Júlia é Albura, que se enquadra na onomástica pré-romana, horizonte linguístico que, aliás, o nome Navus também poderá sugerir, na medida em que, embora latino, detém um significado bem concreto: diligente, activo. E tanto Corânia como Octávia são nomes de família bem romanos.

Não há dúvida que, pela identidade dos nomes – quer o primeiro, Décimo, quer o da família, Júlio –, os dois personagens masculinos serão irmãos ou pai e filho. Adianta Marc Mayer uma sugestão que não deixa de ser deveras aliciente: «Seria interessante conseguir-se saber se, no tempo em que esta inscrição se insere, terá havido uma nova chegada de imigrantes ou de veteranos» a Beja. Nós, que estamos já habituados a ver chegar levadas de imigrantes e a sentir o efeito que novos rostos femininos podem provocar no relacionamento social e familiar, até não nos custa pensar que, há dois mil anos, isso possa ter acontecido em Pax Iulia... Menos ardilosa será a hipótese de Albura ter falecido e Corânia ter vindo a ocupar, naturalmente, o seu lugar.

Certo é que se nos afigura bem credível – até, repita-se, pelo modo como a paginação se apresenta – que os familiares destes dois cidadãos romanos de Beja, o Navo e o Saturnino, decidiram juntar no mesmo jazigo os seus restos mortais e os das mulheres que eles amaram.

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia